

JANUSZ KORCZAK: uma lição de amor

Raquel Pilotto Reis¹

A presente resenha tem por objetivo fazer uma análise do livro “Quando Eu Voltar a Ser Criança”, de Janusz Korczak (1981), polonês que viveu no período da Segunda Guerra Mundial, morrendo vítima da repressão nazista.

Dentro desse contexto, o educador pregava os princípios de educação em liberdade, frequentemente levantados na obra, indo contra o sadismo pedagógico e qualquer tipo de autoritarismo que prive a criança de sua liberdade, fazendo-a acreditar que, sendo criança, não pode nada e não serve para nada, ações que limitam a infância a uma espera em ser adulto, para, finalmente, alcançar a liberdade.

Já nas primeiras páginas o autor tenta mostrar a visão que os adultos têm da criança no que diz respeito a seus desejos, curiosidades e aflições. Quando pequeno, o personagem, preocupado com o futuro dos pais, faz perguntas a fim de melhor planejar o conforto e a felicidade da família e recebe em troca respostas prontas de quem aparentemente não se interessa pela criança ou por seus pensamentos, vendo-a como um problema, uma preocupação a mais. Nas últimas páginas do livro, há uma passagem que ilustra bem esta questão:

O que magoa é que todos os nossos assuntos são liquidados às pressas e de qualquer maneira, como se para os adultos a nossa vida as nossas preocupações e insucessos não passassem de acréscimos aos problemas verdadeiros que eles têm (KORCZAK, 1981 p.152).

As incompreensões entre adultos e crianças são abordadas ao longo de toda a narrativa, porém as interpretações a respeito são feitas sempre do ponto de vista infantil. O autor se posiciona em defesa da criança tentando, no decorrer dos capítulos, provar que elas não são tão diferentes assim dos adultos, “só que levam uma vida diferente e têm direitos diferentes” (*id.*, p.30).

Janusz Korczak foi um dos primeiros a pensar uma formulação de leis e regimentos em defesa da criança. O romance possui diversas passagens que expressam indignação em relação aos direitos e deveres infantis. Em determinado momento, coloca: “os adultos têm tantos tribunais diferentes. E nós só temos o recurso da queixa. Mas os adultos não gostam das nossas queixas. Dão a sentença displicentemente, ou beneficiando aquele de quem mais gostam” (*id.*, p.123).

Tais afirmações podem ser alguns dos motivos que levaram à criação das Repúblicas de Crianças, que consistiam em orfanatos coordenados por Korczak e seus companheiros de luta contra o nazismo. A República se constituía em um sistema democrático organizado por meio de assembléias, parlamentos e tribunais, todos coordenados pelas crianças, que tinham a oportunidade de falar, criticar, dar sugestões e, mais do que isso, reger seus ambientes.

As Repúblicas funcionavam como abrigos para as crianças judias que sofriam com as consequências do nazismo. Por esse motivo, ao longo da narrativa serão encontradas críticas a qualquer tipo de autoritarismo, sadismo, repressão ou imposição contra a criança.

Ao voltar a ser criança, o autor percebe o quão difícil é viver em um mundo em que “o adulto logo determina como tudo deve ser” (*id.*, p.44), um mundo onde a infância é vista como um aborrecimento, um problema, sendo a criança compreendida e tratada como o

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos. Contato: raquel.pilottoreis@gmail.com

adulto que será um dia, não como o ser humano que é hoje. “As crianças são os homens do futuro. Quer dizer que elas existirão um dia, mas por enquanto é como se ainda não existissem” (*id.*, p.152).

Dentro deste contexto de repressão e incompreensão, afirma-se na obra a necessidade de se construir uma boa escola, uma nova escola, que, entre outras coisas, visasse à valorização da criança. Este ideal de educação é semelhante ao ideal presente no movimento escolanovista que, no Brasil, foi implantado e difundido por Anísio Teixeira (1900-1971), educador que se inspirou nas ideias do filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), um dos primeiros a chamar a atenção para a capacidade de pensar dos educandos, enfatizando a necessidade de uma instituição educativa que possibilitasse aos alunos a capacidade de raciocinar e elaborar seus próprios conceitos (FERRARI, 2008).

Ao colocar a criança no centro do processo educativo, o movimento escolanovista dá ao aluno a liberdade de errar e se corrigir, respeitando o tempo que cada educando necessita para desenvolver seu raciocínio. Ocorre aqui a legitimação da criança no que diz respeito aos seus direitos e deveres.

Logo no início do livro é definida a estrutura física da escola idealizada por Korczak. Seria um local amplo, repleto de instrumentos e objetos para experimentação, onde as crianças se sentiriam bem e gostariam de ficar. Mais adiante, o autor, ao elevar-se ao estado de sentimento de uma criança, aborda a relação entre professores e alunos, tratando com ênfase a importância do diálogo, sendo este um meio utilizado democraticamente na República de Crianças para descobrir "o que cada um quer mudar" (p.68).

É relevante dizer que os orfanatos regidos por Korczak não representavam um reflexo desse mundo comandado pelos adultos, pelo contrário, eram as crianças que controlavam e comandavam seus ambientes. Todas possuíam liberdade e autonomia, visando à coletividade.

Dentro da República, o educador deveria, dentre outras coisas, cuidar para que as crianças mais velhas não agissem autoritariamente sobre as crianças menores, pois, como o autor diz, “é difícil a gente se entender com crianças pequenas, porque os adultos interferem. Da mesma forma como eles zombam de nós e nos maltratam por sermos pequenos, nós o fazemos com os menores” (*id.*, p.78).

A narrativa descreve com precisão algumas práticas pedagógicas repudiadas por Koczak, como o sadismo, o autoritarismo e a repressão. Nas últimas páginas temos o exemplo da professora que, ao ficar furiosa, disse que os alunos pareciam um bando de vagabundos², ou a professora que constrange o aluno, castigando-o em frente à turma toda³. Não são agressões físicas, mas caracterizam um sadismo vigente até os dias atuais, além de que a agressão moral ou psicológica pode deixar mais marcas que uma agressão física. O romance nos mostra que a criança, frente às ameaças e pressões tanto físicas como psicológicas dos adultos, revolta-se em busca de sua liberdade. “Somos conscientes, enxergamos e sabemos muitas coisas, intuímos e pressentimos mais ainda. Mas temos que dissimular, porque nos calaram a boca” (*id.*, p.81).

Como já dito, a questão do saber em Koczak está intimamente ligada à experimentação. A criança deve aprender sozinha as consequências de suas ações, para assim definir sua personalidade. Dessa forma, o papel da escola e, conseqüentemente, do professor, deve girar em torno da compreensão e do auxílio, sendo que o mediador deve

² Vide página 133.

³ Vide página 120.

sempre ter em mente que a criança pensa com os sentimentos. Em relação a esta questão, cabe aqui uma passagem que afirma que a “coisa chata” da escola é “a gente tem que falar cientificamente para ganhar uma boa nota, um elogio, ou até mesmo uma reprimenda, mas nunca do jeito como a gente sente” (*id.*, p.40).

A ideia de “ter que falar cientificamente para ganhar uma boa nota” é muito presente nas escolas, tão presente que o saber torna-se distante da realidade da criança, fazendo vir à tona o questionamento sobre a escola e sua serventia para a população que a frequenta. Voltando o olhar para a realidade brasileira, percebemos com clareza as divergências entre as “escolas para ricos” e as “escolas para pobres”. É evidente a questão de que as escolas particulares preparam para o vestibular, enquanto que as escolas públicas preparam para o mercado de trabalho. Ou seja, o sistema de ensino como um todo visa apenas à reprodução das desigualdades sociais existentes. Dessa forma, o papel da escola seria o de direcionar cada classe “ao seu devido lugar”, ensinando aos diferentes grupos de crianças os diferentes saberes e as diferentes morais que devem ter para melhor exercerem seu futuro papel de dominadores ou de dominados. Korczak distancia-se desse sistema escolar, fazendo da República de Crianças um ambiente onde todos são democraticamente iguais e possuem os mesmos direitos. Podemos dizer que os orfanatos de Korczak proporcionavam uma realidade à parte da sociedade, pois na República não havia privilégios e distinções entre as diferentes crianças, sendo todas iguais e merecedoras do mesmo amor.

Este romance deve ser visto como um alerta das crianças que, desesperadas, gritam para serem notadas, para se mostrarem vivas, gritam por liberdade, por uma boa escola, por um novo mundo, um mundo que lhes proporcione a mesma compreensão, compaixão e amor proporcionados por Korczak.

Referências

KORCZAK, J. **Quando eu voltar a ser criança**. Yan Michalski (Trad.). 12 ed. São Paulo: Summus, 1981. 155 p.

FERRARI, M. John Dewey - O pensador que pôs a prática em foco. **Nova Escola**, São Paulo, Edição Especial, Grandes pensadores, Julho. 2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/john-dewey-428136.shtml>>. Acesso em: 03/04/2010.